

VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Participação no painel sobre:

NOVOS PÚBLICOS, NOVAS PROFISSÕES. RESPOSTAS EDUCATIVAS. CASTELO
BRANCO, 8 DE ABRIL

Comunicação

O paradigma da aprendizagem ao longo da vida: um caso concreto

(Tópicos da minha participação)

1. Introdução

A minha opção: falar de algo que acontece e dos seus fundamentos, em vez de apresentar apenas um quadro teórico ou de um quadro de intenções.

O grande desafio que se coloca à educação nos tempos da “sociedade da informação” e da “sociedade do conhecimento” é o da aprendizagem de todos ao longo de toda a vida.

Se este desiderato entrou nas agendas políticas de quase todos os países do mundo, ainda estamos longe de pensar e de agir em conformidade com a vastidão de novos desafios que ele coloca.

A União Europeia elegeu como uma das prioridades centrais do seu Programa de Educação e Formação 2010, a Aprendizagem ao Longo da Vida (Lifelong and life-wide learning).

Por outro lado, os múltiplos conceitos de Aprendizagem ao Longo da Vida a que se recorre sistematicamente, encaminham-nos para um paradigma que requer enunciações mais precisas. É o que fazemos logo de início.

2. Enunciemos alguns elementos de um novo paradigma de “aprendizagem ao longo de toda a vida”:

- todos podemos aprender (desde que nos sejam criadas as condições adequadas, não há percursos tapados para a aprendizagem, embora haja buracos negros nas práticas de ensino);
- aprendemos na vida, com a vida, uns com os outros, sendo progressivamente o que somos e o que queremos ser (a aventura apaixonante de se ser pessoa);
- aprendemos ao longo de toda a vida (não apenas na “idade escolar”, o que é isso? Aprendemos durante a vida profissional, como é isso? Aprendemos e vemos os saberes validados e até em alguns casos certificados, como se faz isso?);
- aprendemos todos (ninguém pode ficar de fora, novo e idoso, branco e negro, homem e mulher, autóctone e imigrante, ninguém);
- a aprendizagem de todos ao longo de toda a vida só pode ser equacionada no quadro de um território, de uma comunidade de vizinhos, envolvendo e cruzando dinâmicas muito diversificadas de educação social, assentes em compromissos claros e formais e, ao mesmo tempo, num clima de enorme liberdade individual;
- todas as instituições de uma dada comunidade devem ser, a seu modo, instituições de educação, devendo pensar em criar também os seus “serviços educativos” (não apenas os museus, mas também as escolas, os centros de saúde, os jornais, as bibliotecas, as rádios, a PSP, a Casa da Cultura, a Associação Cultural, a Junta de Freguesia, a empresa, ... ;
- a educação é o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a ser e o aprender a viver juntos, como propõe a Unesco.

Diz a Comissão da Unesco para o Séc. XXI: “é preciso assinalar novos objectivos à educação e, portanto, mudar a ideia que se tem da sua utilidade. Esta deveria assentar antes de mais na concepção de educação como processo de revelação do tesouro escondido em cada um de nós”¹. Da visão permanente instrumental, haveria que caminhar, assim, para uma visão mais essencialista e global.

Além de ajudar a **aprender a conhecer e a aprender a fazer**, a educação escolar deve contribuir para “a realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser” (p. 78). Além daqueles dois pilares, aprender a conhecer e aprender a fazer, a Comissão assinala mais dois: **aprender a viver juntos, a viver uns com os outros e aprender a ser**. Eles tornam-se pilares centrais na medida em que se defenda que a educação deve preparar todo o ser humano “para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (p.86).

¹ UNESCO (1996). *A educação: um tesouro a descobrir*. Porto. Edições Asa.

É preciso mudar a ideia que se tem da utilidade da educação escolar. A incerteza impera e mais vale que a educação escolar invista tudo em “conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem tanto quanto possível, donos do seu destino” (p.86).

Neste contexto o que será da escola (pública e privada)? Há mudanças no seu papel específico?

Estaremos condenados ao gueto escolar em contexto activos de Aprendizagem ao Longo da Vida?

Não haverá modos de fazer encontrar o paradigma escolar tradicional com o da Aprendizagem ao Longo de toda a Vida, enriquecendo-se mutuamente?

3. O caso do TCA- Trofa Comunidade de Aprendentes (www.trofatca.pt)

Um território, uma comunidade de cidadãos, uma autarquia que quer dar a prioridade do desenvolvimento à educação, um projecto: cada cidadão da Trofa pode ser um aprendente, ao longo da sua vida, criando as condições adequadas à realização de todas as aprendizagens necessárias, para que cada cidadão possa ser mais, viver melhor, realizar-se como pessoa, o mais possível, com dignidade e na diferença.

Criou-se uma dinâmica, fruto de um acordo entre a Câmara Municipal e a Universidade Católica Portuguesa: o TCA (início de 2004).

Criou-se uma Assembleia de Instituições TCA – Conselho de Coordenação, que reúne todas as instituições da Trofa e que estão implicadas ou podem vir a estar.

O que é uma Instituição TCA

Uma instituição TCA é um membro activo da comunidade, ligado protocolarmente a um conjunto de outras instituições que, adoptando uma base de parceria, se compromete na prossecução do objectivo de garantir a todos os cidadãos do município o acesso a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida.

Podem ser consideradas instituições TCA todas as entidades, da Trofa ou de fora da Trofa, como empresas, escolas, centros de formação, associações culturais e desportivas, centros de saúde, centros comunitários, fundações, museus, bibliotecas, casas de cultura, jornais locais, centros paroquiais, juntas de freguesia e centros cívicos.

Criou-se o estatuto de Instituição TCA, após um período de namoro e de celebração de uma “Carta de Compromisso”. A Instituição recebe uma Chancela TCA.



Criou-se o estatuto Iniciativa TCA. Há múltiplas em funcionamento:

- Fórum TCA;
- Desporto – Aprender o Fair-Play;
- Educação parental – Sessões e cursos de Formação de pais;
- Iniciação às TIC;
- Aprender a história da Trofa. Memórias da Trofa ;
- Aprender a ler – incentivo à leitura;
- Saúde, higiene e segurança – a alimentação, a água;
- Saber atender (formação para o atendimento);
- Colocação de deficientes mentais em estágio profissional;
- orientação escolar e profissional dos jovens e dos seus pais.

Criaram-se os Mediadores de Aprendizagem, técnicos de várias áreas (educação, saúde, economia, cultura, social), pessoas responsáveis por ouvir e atender todos os cidadãos e por levar as oportunidades de aprendizagens aos cidadãos interessados.

O que são os mediadores de aprendizagem

Aprender ao longo da vida significa aprender **na** e **com** a vida para que cada ser humano possa empenhar-se, permanentemente, num processo de desenvolvimento que permita transformar a experiência pessoal em capital de conhecimento e de cultura, colocado solidariamente ao serviço de todos. Mas para que tal possa acontecer, para que os actos de viver sejam potenciados em termos educativos, é necessário contar com o apoio de alguém competente e disponível para informar, para encorajar, para aconselhar e para orientar – o que chamamos o **mediador de aprendizagem**

Criou-se também uma Comissão de Gestão do TCA, que reúne os promotores e gere toda a dinâmica instituída.

Existe um sítio na Internet, uma folha informativa (www.trofatca.pt).

Existem dificuldades, mas muita coragem para avançar, muito empenho dos técnicos, dos políticos e de voluntários locais.

4. Algumas questões que coloco, desde este projecto, ao paradigma da centralidade da educação escolar nos territórios.

(ainda estamos na fase da procura e aí há mais pedras que caminho - como diz Mia Couto-, mais perguntas que respostas.

O que é (será) hoje e amanhã afinal o “sistema educativo”? O que o compõe? Quem o controla? Qual o papel do Estado na educação de todos e ao longo de toda a vida? E o das

autarquias e o das instituições de cada comunidade local e o das redes de projectos educacionais?

Como reconhecer e mapear os “serviços educativos” das múltiplas instituições da comunidade? Como os cruzar (os seus sonhos, os seus recursos, as suas vontades, os seus projectos) sem os procurar coordenar?

Que novo modelo de relação se estabelecerá entre as escolas e outras instituições locais? Não será esta também uma ocasião para fazer evoluir e enriquecer a missão das escolas?

5. Final

A educação e o desenvolvimento local: precisamos de fugir o mais depressa possível do modelo utilitarista da educação para a colocarmos ao serviço do des-fazer dos novos humanos e sociais.

O des-envolvimento talvez seja o segredo.

Joaquim Azevedo
Castelo Branco, 8 de Abril de 2005